

O Sangue e a Lua: O Imaginário de um Discurso Alternativo sobre a Menstruação¹

Marília SABINO²

Lutiana CASAROLI³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O presente trabalho promove uma visão interdisciplinar da comunicação e dos discursos, entendendo o imaginário humano como um importante sustentáculo. A menstruação, assim como outras temáticas relacionadas à mulher e a seu corpo, é objeto das mais variadas construções discursivas desde os primórdios da história humana. Na cultura ocidental, a menstruação é um tabu. Quando não invisibilizado, o mêstruo é alvo de discursos negativos. O problema de pesquisa deste trabalho cria-se a partir do questionamento sobre como o imaginário está manifestado nos discursos e representações sobre a menstruação e como este processo valida ou desafia determinadas ideologias sobre o corpo e a imagem femininos. Objetiva-se desvelar o imaginário que movimenta um discurso alternativo sobre a menstruação. Este discurso é expressado no livro destinado a mulheres *Mandala Lunar* (2021), *corpus* desta análise, que veicula uma percepção alternativa, reformadora e positiva sobre o ciclo menstrual. A metodologia é determinada pelos processos da mitocrítica, própria para o estudo do imaginário presente nos discursos e representações, proposta por Gilbert Durand (1985). Também serão usados os métodos da revisão bibliográfica, que coleta material bibliográfico sobre conceitos convenientes a esta investigação, e da pesquisa documental, que toma um documento como fonte de informação a ser analisada cientificamente (OLIVEIRA, 2013). Tem-se aqui uma abordagem qualitativa, voltada a fatores não quantificáveis, como representações, significados, crenças e valores (MINAYO, 2001). No empreendimento de atribuir significado ao mundo e relacionar-se com seus semelhantes, o ser humano engendra a comunicação e a linguagem. Enquanto

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 9 a 11 de junho de 2022.

² Estudante de Graduação 8º semestre do curso de Relações Públicas da FIC-UFG. E-mail: mariliasabino19@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Relações Públicas da FIC-UFG. E-mail: lutiana_rp@ufg.com

animais simbólicos, nossa linguagem se dá fundamentalmente através de um processo simbólico, poético e mítico – antes mesmo de um processo racional –, sendo o simbolismo estrutura principal desta dinâmica (CASSIRER, 1994). Assim, comunicação e linguagem associam-se diretamente à noção de imaginário. Para Durand (2012), o imaginário nasce quando as pulsões subjetivas humanas encontram as intimações objetivas do meio. Ele coloca os três reflexos dominantes do organismo humano - postural, digestivo e sexual - como originadores de uma categoria primeva do imaginário denominada *schème*. *Schèmes* seriam o verbo que vem antes da imagem. Cada reflexo motivaria *schèmes* análogos à sua natureza. A dominante postural provoca o *schème* da ascensão, a digestiva, o da descida, e a sexual, o *schème* rítmico. Porém, *schèmes* ainda não são imagens. Para alcançar tal categoria, precisam se substantificar em arquétipos, imagens primordiais. Estes, tal como os estratos anteriores, são comuns a qualquer indivíduo humano. Estão relacionados com o que Jung (1988) chama de inconsciente coletivo. Todo indivíduo e toda cultura experimentam em seu imaginário o arquétipo da mãe, por exemplo, embora de maneiras diversas, pois um mesmo arquétipo manifesta-se por inúmeras faces. Estas manifestações consistem nos símbolos. Embora motivados por um número limitado de arquétipos, símbolos compõem um universo deveras heterogêneo pois, enquanto arquétipos são universais, símbolos estão profundamente condicionados à cultura que os ambienta. Outra característica fundamental dos símbolos é o fato de que eles organizam-se em forma de discurso narrativo: os mitos. Estes mitos servem como modelo do comportamento social. É neste mesmo sentido que Campbell (1991) fala em função pedagógica do mito, elencando também as funções mística, cosmológica e sociológica. As duas primeiras relacionam-se com a natureza do mito de buscar identificar e dar sentido aos mistérios do universo. A última refere-se à capacidade dos mitos de legitimar de forma satisfatória – e muitas vezes incontestada – estruturas socialmente forjadas. Tendo estratificado o imaginário em *schèmes*, arquétipos, símbolos e mitos, Durand (2012) propõe as estruturas antropológicas que os classificam. Segundo ele, o imaginário seria uma resposta da consciência à inevitabilidade da morte e da passagem irrefreável do tempo. Diante desta angustiante e misteriosa realidade, pode-se adotar três posturas: o combate armado àquilo que ameaça a sobrevivência, a aceitação passiva e transigente da ordem cronológica ou a celebração da morte enquanto parte fundamental de um ciclo

de nascimento-morte-renascimento. Estas máximas correspondem às estruturas antropológicas do imaginário nomeadas, respectivamente, heróica, mística e sintética. A estrutura heróica consiste no que Durand chama de Regime Diurno da Imagem. De um simbolismo belicoso, maniqueísta e animoso, o imaginário diurno privilegia o reflexo postural, com seus *schèmes* de subida, divisão e oposição, por exemplo. Aqui prosperam arquétipos como os do herói, do guerreiro e do rei. Há, nas mitologias deste regime, obsessão pela elevação e pela vitória sobre a morte. Têm um espaço importante os símbolos das imagens nefastas – representantes do mal a ser combatido – classificadas como; teriomórficas, relativas à bestialidade animaléscas; nictomórficas, relativas à noite trevosa e catamórficas, relativas à queda – estando o sangue menstrual relacionado com os dois últimos grupos. As estruturas mística e sintética, por sua vez, compõem o Regime Noturno da Imagem. Aqui elimina-se a preocupação inexorável com a chegada da morte: a estrutura mística eufemiza-a, suaviza sua fatalidade, exorciza seu caráter trágico e enxerga-a como um descanso; a estrutura sintética celebra-a e interpreta-a como etapa que precede o glorioso renascimento. O simbolismo místico nasce do reflexo digestivo, com o *schème* da descida acolhedora. Prosperam as imagens arquetípicas nutritivas da mãe, do corpo, da terra, da bebida e do alimento, por exemplo. Predominam as ideias do repouso e da intimidade, com símbolos como os do túmulo, da taça e tudo que se apresente como um receptáculo cômodo. Já a estrutura sintética é motivada pelo reflexo sexual do movimento copulativo, com seus *schèmes* da rítmica e da repetição. Traduzem seus princípios símbolos a roda e a serpente. A natureza cíclica do tempo é louvada, uma vez que fornece previsibilidade e segurança: tudo o que nasce deve morrer, tudo o que morre deve renascer e assim por diante, repetidamente. Aqui formam-se os mitos do eterno retorno, das ressurreições e dos messianismos. Ainda segundo Durand (2012), o imaginário é base de todo capital pensado humano, estando quaisquer discursos e representações nele alicerçados. Ao criar categorias e estratificações para o imaginário, o antropólogo possibilita a identificação da presença maior ou menor de uma ou outra estrutura antropológica, regime, mito e/ou arquétipo no âmago dos discursos, como propõe o método mitocrítico. Os resultados da análise mitocrítica da Mandala Lunar apontam como redundantes no discurso iconográfico as imagens da borboleta, serpente, Lua, mandala, roda, casa, corpo feminino, útero, bacia, sangue, plantas/terra, coruja e fogueira/fogo. Analisando tais configurações, podemos

perceber que determinados símbolos relacionam-se uns com os outros, agrupam-se em torno de um núcleo arquetípico que os animam e promovem alguns isomorfismos – significados semelhantes. Os símbolos da borboleta, da serpente, das plantas e da Lua, por exemplo, constelam ao exprimirem uma natureza cíclica muito evidente. A Lua, em seu ciclo eterno de fases, relaciona-se com a borboleta, que, em muitas configurações mitológicas, quase sempre aparece ligada à ideia de transformação – a lagarta torna-se borboleta – e possui um ciclo de vida breve e de fases bem definidas. A serpente é intitulada por Durand (2012) como a mais popular teofania lunar e cíclica, relacionando-se com os princípios de ciclicidade e transformação, por ser um animal que eventualmente realiza uma troca de pele e devora a própria cauda, desenhando um círculo eterno, sem início ou fim. A bacia e o útero são o que Durand (2012) chama de símbolos continentais – que contém – e de intimidade. Ele explica que o reflexo digestivo sugere que imagens recipientes fazem alusão ao estômago, ligando figuras como a bacia, o buraco, a caverna ou a taça à noção de descida acolhedora (DURAND, 2012). Assim, os símbolos continentais trazem a ideia de conforto digestivo e acolhimento àquilo que desce ou cai, eufemizando uma possível queda. A casa, o corpo e a terra também são classificadas como símbolos de intimidade, fechados, escuros e receptivos. Representam uma ideia de interiorização descendente, também motivados pelo shème da descida. Enquanto a casa e o corpo são lar em vida, a terra através do túmulo, é um lar em morte. Também há presença da imagem do fogo, simbologia que Bachelard (1994) aponta como ligada às ideias de transformação, ventre, sexo e comida. No discurso textual, foram identificadas 6 ideias centrais: a) Reconexão com a natureza cíclica; b) Demarcação e percepção do tempo e dos períodos cíclicos; c) Observação, exploração e exaltação do corpo feminino; d) Valorização do descanso; e) Harmonia consigo e com o meio e f) Interiorização. Estas premissas são análogas às posturas mística e sintética do regime noturno do imaginário. Assim, percebe-se que este discurso alternativo sobre a menstruação é majoritariamente movimentado pelo regime noturno e por suas estruturas antropológicas mística e sintética. O imaginário no meio social pode ser instrumentalizado (SERBENA, 2013) sendo fator importante nas dinâmicas de poder e ideologias. Imagens e representações possuem um papel fundamental na realidade social (MOSCOVICI, 1978). A menstruação quando representada de forma negativa reproduz princípios ideológicos misóginos e machistas.

Discursos alternativos a esse desafiam estas estruturas. É válido observar como um discurso favorável à aceitação da menstruação e à exaltação do corpo feminino é movimentado por matrizes noturnas, enquanto o tabu menstrual origina-se de bases imaginárias diurnas. Este trabalho reforça a importância de se estudar as raízes imaginárias dos discursos.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário; Símbolo; Discurso; Menstruação.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**: Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DURAND, Gilbert . **Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, método e aplicações transdisciplinares**. Revista Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, n. 11 (1/2), p. 243-273, 1985
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HOLTHAUSEN, Ieve; ANDRADE, Naíla. **Mandala Lunar 2021**: um caminho de autoconhecimento feminino. Porto Alegre: Mandala Lunar, 2021.
- JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. 7. ed. Petrópolis, RJ: 1988
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2011
- MOSCOVICI, S. A **Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, M. M. d. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- SERBENA, C. A.. **Imaginário, ideologia e representação social**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, nº 52, dezembro de 2003.